Ano XVI — Lisboa, Maio de 1960 — N.º 181

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

## O Escotismo Português perante a segregação racial



É bem conhecido o desenho de Baden-Powell que apresenta um escoteiro saltando alegremente uma barreira, em cujas traves se lêem as expressões «*egoísmo*», «*rivalidades raciais*», «*discordâncias religiosas*», «*orgulho de classe*» e «*grosseria*». Realmente, a prática do método powelliano pressupõe o abandono, puro e simples, de impedimentos desta natureza, a fim de que possa reinar, entre os escoteiros de todo o mundo, a fraternidade, um dos objectivos primordiais deste Movimento.

Embora qualquer dos preconceitos referidos no desenho do Fundador persista como tema de absoluta actualidade, não há dúvida que, nos tempos correntes, o problema das rivalidades sociais tem-se mostrado como um dos de mais dolorosas consequências, sobretudo em zonas determinadas, onde atinge, por vezes, uma perturbante acuidade.

Para já, importa afirmar que, tal estado de coisas, nem mesmo observado do ponto de vista filosófico tem qualquer aspecto defensável.

Se é certo que não se pode negar a existência de povos subdesenvolvidos, é de crer que a análise desse problema prove que o atraso não tem a sua origem na ineptidão desses povos para se submeterem ao processo civilizador, mas sim na ineficácia ou na ausência dos métodos educativos. Na incompreensão ou no desconhecimento da verdade desta hipótese residem as presunções propiciadoras de resultados tantas vezes desastrosos e que se tornam a abominação dos espíritos informados pelos princípios da justiça e de equanimidade.

Para nós, Portugueses, o problema reveste um carácter muito particular. Povo que, pelos imperativos da História, teve o ensejo de contactar com elementos das mais diversas raças, quase sempre demos provas de bom senso e de uma especial aptidão nas relações que com elas mantivemos.

Gilberto Freire, o eminente escritor da Pátria Irmã, num artigo publicado na revista *Way Forum*, presta a devida homenagem aos processos colonizadores dos nossos antepassados. Refere o intelectual brasileiro que a formação de um espírito nacional e de uma cultura brasileira só foi possível graças à preciosíssima contribuição do elemento negro, valorizado, em grande parte, pelo trato humano e patriarcal que o colono português usou com os escravos trazidos de toda a costa africana, que criou as condições indispensáveis ao florescimento das tradições e dos caracteres peculiares dessas gentes.

É curioso notar as considerações do sociólogo brasileiro e compará-las com o fenómeno que se tem verificado nas parcelas ultramarinas do nosso território, em especial nas de África, hoje objecto de olhares ávidos, cujas intenções não são difíceis de descortinar.

No esforço colonizador dos Portugueses observa-se sempre o propósito manifesto de inculcar no gentio o sentimento de dignidade humana, quer chamando-o ao seu convívio, quer incutindo-lhe os hábitos próprios de seres civilizados. Este processo teve como resultado uma radicação mais consistente da nossa acção junto dos povos aborígenes, ao contrário do que se passou com outras nações, cuja obra civilizadora nunca ganhou um nível perdurável de prestígio entre os povos africanos.

No Portugal de Além-Mar caminha-se com firmeza, não na euro-

*(Conclui na página 2)*

## A presença de Portugal na Índia

*O acontecimento é tão bem conhecido dos nossos estimados leitores que não é necessário relatá-lo. Não podemos, porém, deixar de fazer aqui o seu registo. O Tribunal de Haia reconheceu a soberania de Portugal nos enclaves de Nagar-Aveli e de Dradá. O veredicto, sobretudo na hora presente, reveste-se de tão alto significado que não podemos calar o nosso regozijo. Nós, Escoteiros Portugueses, que preconizamos a Paz e boas relações entre os homens alicerçadas na Justiça, sentimo-nos honrados pelo facto da presença de Portugal na Índia ser reconhecida como um facto de pleno direito, que não provém de circunstâncias sustentadas pela força das armas.*

*Somos uma Nação constituída por povos de raças diferentes, de diferentes colorações da pele, de religião e opiniões diversas, mas somos Portugueses e encontramos a nossa indiscutível unidade no respeito mútuo e amor a Portugal. Porque aos nossos compatriotas da Índia é reconhecido o direito de continuarem a ser Portugueses, nós nos regozijamos e lhes afirmamos a nossa solidariedade.*

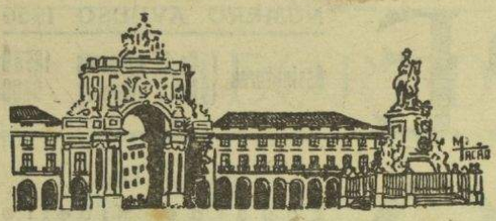
*Pena foi que em má hora o Escotismo tivesse suspendido as suas actividades em terras de Portugal na Índia. Seria um elo mais a unir-nos e, principalmente, um estímulo de fraternidade, de amor à Pátria, fomentando os ideais de tolerância e boa vontade que tão bem se coadunam ao carácter universal do génio português.*

* ● *

## Eng.º José Maria Nobre Santos

Em 27 de Abril findo, partiu para a Bélgica a fim de representar o nosso país numa conferência de técnicos que ali se realiza.

Aproveitando esta circunstância, o sr. Eng.º Nobre Santos foi a Colónia, na Alemanha, onde representou o Escotismo Português na Conferência Europeia do Escotismo.



# O ESCOTISMO NA CAPITAL

## Grupo n.º 13

No dia 27 de Março findo, realizou-se no Ginásio do Centro de Educação Física do Centro Espanhol, uma reunião de camaradagem organizada por este Grupo, que teve a presença do chefe regional, sr. Eng.º José Maria Nobre Santos.

O sr. Professor Júlio dos Santos, Presidente do Grupo, focou o motivo da festa e fez referência ao facto de ter sido concedida a Insígnia de Madeira ao sr. Eng.º Nobre Santos, antigo escoteiro e dirigente do «13».

O chefe regional agradeceu e disse da sua alegria em estar presente e exortou os rapazes a um trabalho mais profundo a bem do Movimento.

Depois, os presentes foram recreados com filmes desportivos e cómicos, seguindo-se a actuação feminina e masculina não só dos elementos do 13 como dos do 2.

Além das famílias dos escoteiros do 13 estiveram presentes à festa os Grupos 2 e 8.

A sessão decorreu num ambiente agradável e animado terminando com os escoteiros cantando o hino «É lá!» — *M. O. G.*

## O «Dia de S. Jorge»

Para comemoração do dia universalmente consagrado a «S. Jorge», patrono do Escotismo — 23 de Abril — e por iniciativa do Delegado da Região de Lisboa, escoteiros, representando quase todos os Grupos da Capital, reuniram-se no Castelo de S. Jorge na manhã do Domingo dia 24.

O E.C. sr. Eng.º José Maria Nobre Santos dirigiu-se aos presentes para acentuar o significado da data que se estava comemorando, fazendo em seguida a apresentação do antigo escoteiro sr. Luís Simões Aurélio, que proferiu uma interessantíssima palestra sobre o valor significativo do Castelo de S. Jorge na manutenção da nossa Nacionalidade. Deixando para trás a «Lenda do Cavaleiro de S. Jorge», já sobejamente conhecida por todos os escoteiros, o sr. Luís Simões Aurélio deliciou a assistência com uma brilhante lição de história, narrando os principais factos históricos ligados com o local onde nos encontrávamos.

As suas palavras propositadamente simples para que todos o compreendessem, prenderam os escoteiros, mesmo os mais novos, que o escutaram interessados.

A pedido do nosso jornal, o sr. Delegado da Região procedeu em seguida à entrega do «pequeno escalpe de ouro» às duas patrulhas vencedoras das Provas I e II do «Grande Concurso Escalpe de Ouro» — a Cão do grupo n.º 94 e a Águia do grupo n.º 5, respectivamente.

Aquele chefe fez, seguidamente, entrega do lenço e das insígnias de Escoteiro Chefe Diplomado pelo Curso de chefe de Gilwell Park — «Insígnia de Madeira» — ao chefe José Eduardo Pena Ribeiro, que acabou de concluir com êxito aquele curso, facto que foi sublinhado por vibrantes saudações por parte dos presentes.

Seguiu-se um movimentado jogo inter-patrulhas, dirigidos pelos chefes Pena Ribeiro e Armando Inácio.

M. G.

# Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

**Doentes** — O nosso estimado assinante, Sr. Daniel Ribeiro Correia, antigo escoteiro, foi submetido a duas operações cirúrgicas, que decorreram com êxito, encontrando-se já restabelecido, motivo por que o felicitamos.

# O Escotismo Português perante a segregação racial

(*Conclusão da página 1*)

peização do carácter africano, o que não seria aconselhável, nem, talvez, de resultados promissores, mas na criação de uma cultura nitidamente africana, uma cultura adaptada às circunstâncias particulares do meio físico e social onde se vai desenvolver.

É este o processo de se contribuir para a dignificação do Homem, para a sua elevação espiritual, para a adopção de princípios que garantam, a todos, uma segurança maior, um convívio mais frutuoso, uma compreensão mais perfeita das suas qualidades e, também, das suas numerosas deficiências.

Gilberto Freire comenta o facto de um intelectual brasileiro, de raça negra, ao pronunciar um discurso, não ter tido qualquer dúvida em se considerar membro da raça latina. Convém referir, a propósito, que é este um dos imperativos que presidem à obra colonizadora de Portugal, a de imprimir em todos os que têm o privilégio de receber a mensagem de civilização o sentimento nobre, a noção exacta de serem membros de uma mesma Pátria — Portugal.

O caso português merecia, assim, ser atentamente estudado para que uma contribuição efectiva fosse dada aos instante problema dos preconceitos raciais. A experiência portuguesa ofereceria preciosos elementos para se concluir que, só com a colaboração de todos os homens, estejam eles nos estádios mais adiantados da civilização, ou ainda nos primórdios de um processo evolutivo, é possível encontrar-se os meios necessários para a consecução de uma cultura sólida e viva e dos ideais superiores de concórdia e de fraternidade social.

Por este motivo, devem ser olhados com muita simpatia e acolhidos com a maior boa vontade os desejos manifestados por um numeroso núcleo de antigos escoteiros, estabelecido numa das regiões da nossa África Oriental, de manter relações de amizade e de convívio espiritual com os seus camaradas do Continente. Isso contribuirá, não obstante as distâncias que separam os dois territórios portugueses, para que seja mais estreita a nossa comunhão de ideias e mais próxima a identificação que deve existir entre as populações de todo o Mundo Português.

O Escotismo, que Baden-Powell considerava uma verdadeira cruzada de bem-fazer, é uma alavanca poderosa para a destruição de preconceitos rácicos, através do seu programa de actividades.

Bertrand Russel, o famoso filósofo inglês dos tempos modernos, afirma que o respeito da personalidade humana é o princípio da sabedoria em toda a questão social, mas sobretudo na educação. Os preconceitos rácicos são dos mais vergonhosos atentados contra essa mesma personalidade. Estimulemos, através do Escotismo, esses propósitos de compreensão e de amizade, e mostremos ao mundo que é possível uma nova interpretação dos deveres para com o semelhante, abstraindo dos preconceitos de raça ou de qualquer outra espécie.

JOEL RIBEIRO

## PROVA IV

# CLASSIFICAÇÃO

| PATRULHA | Grupo | QUESITOS 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | Assinaturas Supl.res | Atraso (menos) | Total | Classif. Geral |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Gato Preto** — Porto.. | 4 | 0 | 6 | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 | 0 | 15 | — | 29 | 92 |
| **Galo** — Angra do Heroísmo. | 52 | 2 | 5 | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 5 | — | 22 | 71 |
| **Águia** — Lisboa..... | 5 | 0 | 6 | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 5 | — | 21 | 90 |
| **Veado** — Lisboa ..... | 7 | 2 | 6 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | — | — | 20 | 44 |
| **Lobo** — Lisboa..... | 94 | 0 | 5 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | — | — | 17 | 65 |
| **Poupa** — V. R. St.º António | 60 | 2 | 5 | 2 | 2 | 2 | 2 | 0 | 2 | — | — | 17 | 53 |
| **Cão** — Lisboa ..... | 94 | 2 | 4 | 2 | 2 | 2 | 0 | 2 | 2 | — | — | 16 | 63 |
| **Açor** — Tavira ..... | 59 | 2 | 5 | 0 | 2 | 2 | 0 | 2 | 2 | — | — | 15 | 54 |
| **Tigre** — Lisboa..... | 8 | 0 | 6 | 0 | 2 | 2 | 0 | 2 | 2 | — | — | 14 | 55 |
| **Águia** — Lisboa ..... | 13 | 2 | — | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 0 | — | — | 12 | 60 |
| **Águia** — Lisboa ..... | 94 | 2 | 1 | 0 | 2 | 2 | 0 | 2 | 2 | — | — | 11 | 51 |
| **Leão** — Lisboa ..... | 10 | 2 | — | 0 | 2 | 2 | 0 | 2 | 2 | — | — | 10 | 46 |
| **Águia** — Lisboa ..... | 10 | 0 | 6 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 0 | — | — | 10 | 35 |
| **Leão** — Lisboa ..... | 14 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 39 |
| **Falcão** — Algés..... | 14 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 31 |
| **Tigre** — Algés..... | 13 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 16 |

# Os primeiros passos do Guidismo em Portugal

## Curiosas revelações da Sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, a primeira Guia do nosso País

O Guidismo não é um movimento novo em Portugal. Embora o longo período de entorpecimento a que, circunstâncias várias, o sujeitaram, esta organização da juventude teve o seu início no nosso País há já algumas décadas, com a criação de um grupo de guias (nesse tempo ainda se denominavam escoteiras) em 1916, na Academia de Estudos Livres. Foi sua chefe a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, que ainda hoje, volvidos tantos anos, continua a dedicar a estes empreendimentos altruístas o mesmo saudável interesse, o que comprova os elevados sentimentos que presidem à formação do seu carácter.

Este jornal, cioso de arquivar nas suas colunas todos os documentos de real interesse para a história do Escotismo neste País, aproveitando a oportunidade que a recente visita de *Lady* Baden-Powell constituiu, interessou-se por colher informações sobre a formação do histórico grupo de guias, para o que se avistou com a sua dedicada fundadora, a qual, prontamente e com a maior gentileza, se prestou a desfiar as suas recordações para conhecimento dos nossos leitores.

Recebidos em sua casa pela sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira e por seu Esposo, sr. brigadeiro Esteves Pereira, a conversação entabolou-se num nível de muita amabilidade por parte dos nossos solícitos interlocutores, tendo a sr.ª D. Maria Luísa começado por referir:

—Antes de ter empreendido a formação de um grupo de guias, emprestei o meu concurso à Cruz Vermelha Portuguesa, e foi minha Mãe que despertou em mim o interesse por ingressar nessa organização. Assim, fui a primeira enfermeira da nossa Cruz Vermelha, tendo prestado serviço activo na histórica revolução do 14 de Maio, em 1914.

E prosseguiu:

—Mais tarde, vários acontecimentos obrigaram a afastar-me da Cruz Vermelha, mas o sr. major Santos Ferreira, um dos mais activos dirigentes, escreveu-me uma carta a convidar-me a voltar, ao que acedi.

—Temos conhecimento — dissemos nós — de que esteve em vias de ir para França trabalhar como enfermeira do Corpo Expedicionário Português?

—É verdade. Fui a primeira que teve fardamento para o efeito. No entanto, esse propósito nunca chegou a concretizar-se, devido a dificuldades que se levantaram à última hora, pelo que, depois me desliguei definitivamente da Cruz Vermelha.

### A formação do Grupo de Guias

Após este breve introíto em que a sr.ª D. Maria Luísa falou da sua curiosa interferência na Cruz Vermelha, que ilustra bem a vocação do seu espírito de ser útil ao semelhante, entrámos pròpriamente no assunto que constituiu o objectivo desta entrevista.

—A sr.ª D. Adélia de Melo Machado, esposa do fundador do grupo de escoteiros de Macau, o sr. comandante Melo Machado, falou-me por diversas vezes no interesse que haveria em ser formado um grupo de guias no nosso País, estimulando-me para o fazer. Foi assim que, em Março de 1916, fundei o grupo n.º 28, na Academia de Estudos Livres, na Rua da Emenda, grupo esse que, embora filiado na Associação dos Escoteiros de Portugal, era só destinado a raparigas.

### As primeiras actividades

—Foi a Senhora a chefe desse grupo? — perguntámos.

—Exactamente. Eu era a chefe e a sr.ª D. Adélia a presidente do grupo. Ao todo, éramos umas cinco raparigas, que formámos a patrulha «Rosa», pois o regulamento interno estabelecia que os nomes das patrulhas, que entre os escoteiros eram os de animais, no nosso caso seriam os nomes de flores.

E a sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira vai desfiando, uma a uma, as suas recordações e casos históricos na vida do Grupo 28:

—Tivemos projecto de uma barraca para as nossas actividades de campo, e de um carro para o transporte do material. Esse carro seria puxado por dois cães. No entanto, isso não chegou a realizar-se, pois só viemos a possuir os cães — o «Jau» e o «Sado».

—A sr.ª D. Maria Luísa ainda se lembra dalgumas actividades dos escoteiros de então?

—Ora, se me lembro. Havia grande entusiasmo. Como o meu irmão mais novo, João Correia de Magalhães, era do Grupo n.º 3, do Liceu de Pedro Nunes, todos os rapazes da minha idade e das nossas relações pertenciam também a esse grupo. Recordo-me, por exemplo, do Batalha Reis, dos Ooms, do Moura, Roçado, do Pereira da Costa.

Voltando ao caso do célebre Grupo n.º 28, a nossa interlocutora ainda nos confiou:

— O grupo não durou muito tempo, mas ainda fizemos algumas actividades de campo, Porém, nem todas chegaram a ter uniforme. Ainda pude ver, há tempos, a fotografia de uma guia a fazer um curativo. Essa jovem, D. Maria do Céu Foz, ingressaria mais tarde no meio teatral. Enfim, bons tempos em que nós, ainda muito novas, procurávamos seguir à risca a divisa «Sempre Útil» que adoptámos nesses primeiros passos que o Guidismo deu em Portugal.

Com estas palavras, que sintetizam bem o afã de bem servir não só da sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, mas também do grupo de jovens de que se rodeou nesse curioso empreendimento de implantação do Movimento das Guias em Portugal, terminaram as curiosas revelações da nossa entrevistada.

Antes de nos retirarmos, agradecemos a esta Senhora e ao sr. brigadeiro Esteves Pereira a cordialidade com que nos receberam e satisfizeram as nossas pretensões.

J. R.




### Grupo n.º 60 — V. R. St.º ANTÓNIO

**Comemorações Henriquinas**—Em reunião geral efectuada em 4 de Março, foi pelo chefe do Grupo feita uma prédica sobre o significado das Comemorações Henriquinas e historiada a vida e obra do Infante D. Henrique. Foi também comunicado que o concurso trimestral, a iniciar em Abril, se designaria de «Infante D. Henrique», em homenagem ao ínclito português.

**Aniversário** — O "60„ comemorou em 4 de Abril a passagem do 35.º aniversário, realizando uma pequena festa na Sede, a qual terminou com um concurso-relâmpago de técnica escotista, ganho pela Patrulha «Poupa».

**Dia do Escoteiro** — Na noite de 23 de Abril, Dia do Escoteiro, houve concentração do Grupo. Foi evocado e exemplo de S. Jorge e lido o regulamento do novo concurso trimestral, denominado «Infante D. Henrique», em que, além da pontuação normal dos anteriores concursos, obterão pontos extra as patrulhas que apresentarem melhores trabalhos manuais e redacções alusivas ao Infante. A seguir foi feita entrega dos prémios aos vencedores do «Concurso Anual de S. Jorge», ou seja aos escoteiros que durante o ano mais ou melhores acções altruístas praticaram. Recebeu o 1.º prémio, um cinto de escoteiro, o escoteiro João Paulo Fernandes Azul; o 2.º, um apito com bússola, o subguia José Augusto Silva Nascimento e o 3.º, uma agenda de algibeira, o escoteiro Alfredo Guerreiro.

A findar a reunião foram entoadas canções escotistas. — *C.*



# PÁGINA DO ESCOTEIRO

*Meu caro Guia:*

*Obrigado pela tua carta. Estou inteiramente de acordo contigo. Para que o nosso Movimento se possa desenvolver em bases seguras é indispensável que cada um de nós tenha a preocupação de colocar a Promessa e a Lei como fundamento de toda a vida escoteira. Tens muita razão em exigir na tua Patrulha esse alto padrão escoteiro. Se cada um de nós adquire a qualidade de escoteiro prometendo solenemente amar a Deus e a Pátria, auxiliar o próximo e cumprir a Lei do Escoteiro, tem forçosamente de ser fiel ao compromisso assumido para que tenha direito a pertencer ao Movimento.*

*Os Guias de Patrulha devem dar o exemplo deste alto espírito e devem conduzir os rapazes das suas patrulhas por este caminho. E, garanto-te, se todos assim procederem, os Escoteiros de Portugal vão ser um grande Movimento. Assim espero.*

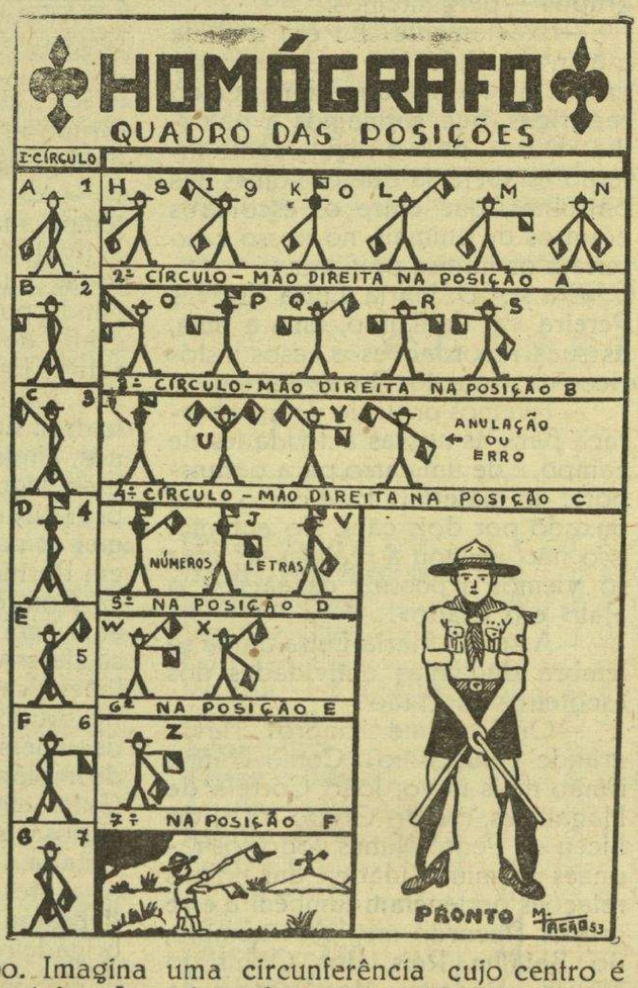
*Um abraço do teu dedicado amigo*

*LOBO VELHO*

TRANSMISSÕES

## SISTEMA HOMOGRÁFICO

As transmissões por semáforo constituem uma actividade agradável que em determinadas circunstâncias se torna de grande utilidade poupando tempo e trabalho. Em caso de emergência pode mesmo contribuir para salvar vidas e os Escoteiros têm prestado relevantes serviços através desta sua aptidão.




O sistema homográfico é muito simples e fácil de aprender. Antes de começar a aprendizagem dos sinais, convém compreender o sistema. Ele é essencialmente constituído por UMA HASTE VERTICAL, que é representada pelo CORPO HUMANO, e por DUAS BANDEIRAS que vão ocupando sucessivas posições em volta do centro dessa haste vertical como se fossem raios de uma circunferência.

Cada posição é uma letra.

O alfabeto é constituído por 7 ciclos. Uma bandeirola está fixa em cada ciclo. A outra vai tomando posições sucessivas em volta do corpo. Imagina uma circunferência cujo centro é a fivela do teu cinto de escoteiro. A posição de 0 graus está entre os teus

*(Continua na página 6)*

Insígnias de Aptidão

## PRIMEIROS SOCORROS

Insígnia: — *O emblema dos serviços de saúde: Uma víbora enrolada numa haste.*

1) Demonstrar perfeito conhecimento das provas de primeiros socorros da 3.ª, 2.ª, e 1.ª classes.
2) Conhecer a posição das principais artérias e saber como estancar hemorragias externas arteriais e venosas.
3) Fazer uma maca improvisada.
4) Saber aplicar a ligadura triangular na cabeça, mão, pé, joelho e cotovelo, bem como a ligadura de gaze ou linho enrolada em todos os membros.
5) Demonstrar o método de respiração artificial de Silvester ou Holgern-Nielsen.
6) Demonstrar como enviar uma mensagem correcta oralmente, por escrito ou pelo telefone.
7) Tomar parte como membro de uma equipa (não é necessário que seja como chefe de equipa) de 3-4 escoteiros e agir num caso de acidente dramatizado pelo Examinador. Este acidente deve ser baseado nos itens acima referidos e desenvolvido da forma mais real possível. Deve ser tomada toda a acção exigida pelas circunstâncias e o Examinador deverá verificar a serenidade, as decisões, os expedientes e correcta actuação (mensagem para o médico, polícia, escoteiro-chefe, pais ou família, etc.) e o tratamento aplicado ao paciente em todas as situações.

## SOCORRISTA

*Para maiores de quinze anos*

Insígnia — *O emblema da Cruz Vermelha*

1) Prestar ou ter prestado as provas da insígnia de «Primeiros Socorros».
2) Demonstrar como proceder no caso de fracturas de membros e luxação da mandíbula.
3) Demonstrar como proceder em caso de hemorragia interna.
4) Demonstrar quatro métodos de transportar um paciente, sendo dois sòzinho e outros dois com outro Escoteiro.
5) Demonstrar como agir em caso de suspeita de envenenamento.
6) Dirigir uma equipa que tenha de atender a um acidente nas mesmas condições descritas para a insígnia de «Primeiros Socorros».

**D. J. S. Freire — Amadora** — Como é sabido, o nosso Regulamento, seguindo as modernas tendências educativas do Escotismo, divide os Escoteiros antigamente designados por «Juniores» em dois grupos: Os **escoteiros** e os **exploradores**. Em Inglaterra, os primeiros são os *Scouts* e os segundos os *Seniores*. As insígnias de aptidão para maiores de quinze anos destinam-se aos Exploradores, enquanto as outras aos Escoteiros. Devemos notar que não se tratam de insígnias diferentes, mas das mesmas com maior profundidade quando se trata de Exploradores, que pelo seu desenvolvimento físico e mental devem estar habilitados a prestar provas mais avançadas do que os primeiros. Não nos devemos esquecer de que a Insígnia de Aptidão não é um alvo a atingir, mas um princípio de uma especialização. Ela significa que o Escoteiro está habilitado a aprender mais. Os Exploradores, depois dos 17 anos, sobem a Caminheiros e, nessa altura, as insígnias de aptidão conquistadas como Escoteiros e Exploradores caducam, porque a formação de Caminheiro exige agora, não meras *insígnias de aptidão*, mas especialidades que são geralmente conquistadas por treino de equipas. A insígnia de DCT e outras são especialidades de Caminheiros, porque exigem já uma preparação profunda.

Publicamos agora a insígnia de «Primeiros Socorros» e, noutro número, a de Bombeiro.

# GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

## JANEIRO A DEZEMBRO DE 1960

**Dedicado a todas as Patrulhas dos «Escoteiros de Portugal» — As Patrulhas que conquistem um mínimo de 200 pontos receberão diploma de «PATRULHA DE MÉRITO» e os seguintes valiosos prémios:**

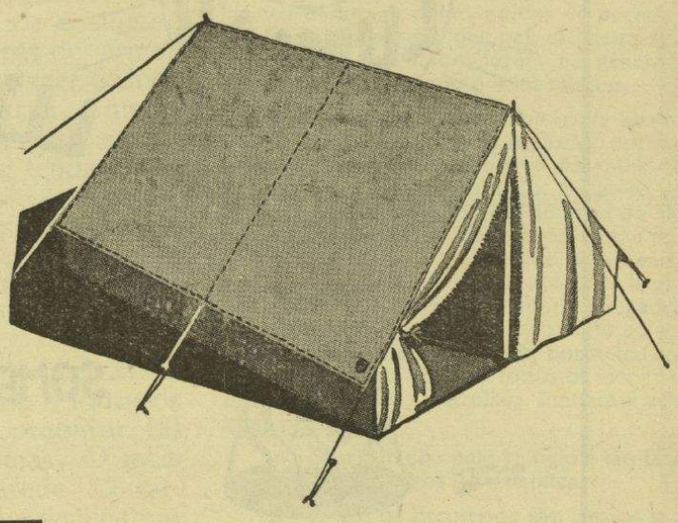
**1.º Prémio**

Oferecido pela reputada casa de ARTIGOS PARA CAMPISMO E PESCA DESPORTIVA

## TECNICAMPO, L.DA

**Rua da Conceição, 13, 1.º—LISBOA 2**

UMA TENDA MODELO CANÁDIANO POPULAR



Ref. C 3. 1,30 m. de altura, 2 m. de comprimento, 1,60 de largura e 0,40 m. de parede. Confecção de tela Super-Tropical impermeabilizada, artigo de boa qualidade.

**UMA MEDALHA COMEMORATIVA** para cada membro da 1.ª patrulha classificada, oferta de **HÉLDER CUNHA,** conceituado fabricante de **taças, medalhas, bronzes e emblemas.** Rua dos Correeiros, 140 - 4.º — Lisboa 2

**2.º Prémio**

**Troféu «FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL».** Interessante troféu escotista, esculpido segundo desenho de B. P., vindo expressamente de Inglaterra. Uma homenagem dos Antigos Escoteiros à 2.ª Patrulha de Mérito.

**3.º Prémio**

**Uma Taça de Prata,** oferta da conhecida casa de máquinas de escritório — **QUINTINO, L.DA** — Reparação, vendas e aluguer de máquinas. Rua da Prata, 141, 2.º — Lisboa 2.

**4.º Prémio**

12 Latas pequenas de **Milo** — um produto **Nestlé** — delicioso alimento tónico, útil para as refeições matinais no campo e em casa. Oferta da **SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS,** Rua Sociedade Farmacêutica, 39, Lisboa 1.

**5.º Prémio**

**Uma Lanterna eléctrica (pilhas) colectiva para suspensão. Uma Lanterna de bolso para cada um dos 8 elementos da Patrulha.** Oferta de **ELECTRO-BRILHANTE,** Rua dos Fanqueiros, 187, Lisboa 2

Esta importantante casa de artigos eléctricos oferece de 10 a 40 %, segundo a natureza dos artigos, a **todas** as patrulhas concorrentes ao nosso Concurso.

**6.º Prémio**

**Uma Marmita suíça de alumínio SIGG, modelo «SCOUT»** com cinco peças. Oferta da conceituada casa de artigos de campismo **VIEIRA CAMPOS,** Rua da Prata, n.º 215, Lisboa 2.

**7.º Prémio**

**Um Balde e um Alguidar de lona,** de boa qualidade, oferecidos pela **Secção de artigos de campismo dos ARMAZÉNS GRANDELA,** Rua do Ouro, 205 — Rua do Carmo, 26, Lisboa 2.

**8.º Prémio**

**UM ARTÍSTICO GALHARDETE DE PATRULHA** oferta e confecção da antiga **CASA DAS BANDEIRAS,** Rua dos Correeiros, 149, Lisboa 2.

**9.º Prémio**

**Uma artística Fotografia 24×30** oferta da **FOTO PÉLYS,** Rua Tomás da Anunciação, 62, Lisboa 3.

**Para as restantes Patrulhas de Mérito:** 1 exemplar do Manual de 1.ª Classe — **MAIS ALÉM** — oferta de «Sempre Pronto».

**Prémio Recordação.** A última patrulha classificada receberá mais 12 copos de plástico, oferta de Horácio Alves L.da da Rua Augusta, 45, Lisboa.

**PRÉMIOS ESPECIAIS**

Os Serviços Regionais do Centro dos Escoteiros de Portugal oferecem às duas Patrulhas melhores classificadas da Região Centro, excluída aquela que ganhar o 1.º lugar do Concurso se for desta Região, os seguintes prémios:

1.º — Material no valor de Esc. 50$00, requisitado pelo Guia de Patrulha, com aprovação do Escoteiro-Chefe. Um diploma e um exemplar do livro de provas de 1.ª classe **Mais Além.**

2.º — Material no valor de Esc. 25$00 requisitado nas mesmas condições, e um livro de provas de 2.ª Classe «Sempre Pronto».

N. B. — Para obter este material, as Patrulhas terão de entregar igual quantia à oferecida, que adicionada a esta será igualmente empregada na aquisição de equipamento.




**EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELECTRICA**

Avenida 24 de Julho, 150

TELEFONES 66 21 77/78

LISBOA 2

**província essencialmente aprazível**

1960 — A SABOIA CELEBRA O SEU CENTENÁRIO

No ano corrente, explore as montanhas com reflexos lilases, os lagos românticos de uma das maiores zonas de recreio do mundo. Na Saboia, poderá tentar a sorte ao jogo em Aix, entrar nas corridas de Annecy, fazer golf em Evian, ski em Chamonix, velejar em Talloires, desafiar o Monte Branco — ou se preferir, deixar-se embalar tranquilmente sob os frondosos plátanos, olhando os cisnes que cortam as águas plácidas.




**Dê largas à fantasia em França**

**france**

COMMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME

242, RUA AUREA, 3.º - LISBOA - P. P. C. 25368/9

# GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

## PROVA V

# O Grupo foi acampar

O Conselho de Guias resolveu que o Grupo fizesse o seu primeiro acampamento de fim de semana, aproveitando os dias magníficos que corriam. A Patrulha Gato compareceu completa, como de costume.

À chegada ao local, o Guia encarregou dois Escoteiros de armar a tenda, enquanto foi reunir com os outros seis para estabelecer a divisão do trabalho do acampamento. Os dois rapazes começaram, e muito bem, por ver de que lado estava o «vento moderado» que se fazia sentir. Como era do Norte, voltaram naquela direcção a boca da tenda, para que o vento lhe não batesse de lado. (1)

Logo que terminou a reunião, vieram todos os rapazes colaborar na instalação do campo, que estava já atrasado em relação às outras patrulhas. Coube ao Patatenra o encargo de abrir a fossa e a latrina. Mas ele ficou atrapalhado sem saber de que lado devia fazer a instalação. (2)

Montados os acampamentos, o Chefe mandou reunir para Fogo de Conselho. Quando este terminou, os Caminheiros serviram a todos os Escoteiros um café bem quentinho que tinham acabado de preparar. (3)

Recolhidos à tenda, o Guia distribuiu o lugar das camas. O mais novo de todos ficou deitado no fundo da tenda, junto à parede. O outro, a seguir na idade, instalou-se na porta. O Guia e o Subguia ficaram no centro e, os restantes, dois de cada lado. (4).

A alvorada foi muito agradável. O vento tinha cessado. A Primavera manifestava-se em todo o seu esplendor e os pássaros gorjeavam alegremente, saltitando de árvore para árvore, parecendo querer saudar os Escoteiros. A Patrulha estava autorizada a usar a parte da manhã numa excursão pelos campos a fim de colher flores silvestres para organizar um herbário para o Grande Concurso «Escalpe de Ouro». Foi uma interessante ocupação. Os rapazes nunca supuseram ser possível encontrar tão grande variedade de flores. Algumas tão lindas e mimosas que pareciam autênticas flores de jardim. Durante a semana, tinham lido cuidadosamente o capítulo «Realização de um Herbário» do manual «Mais Além», pelo que estavam bem compenetrados da tarefa a efectuar. Na sede, prepararam o herbário, fariam as legendas que pudessem e, até, talvez fizessem uns desenhos engraçados a ilustrar as folhas. Isso ficaria ao cuidado do Carlos, que tinha um jeito especial para o desenho. (5)

De novo no acampamento, foram preparar o almoço. O Jaime tratou da fogueira, mas, desastrado, queimou-se num braço. A pele estava inchada e vermelha. Formaram-se ràpidamente bolhas altas. O Guia foi tratá-lo carinhosamente, porque o Jaime tinha dores. Entretanto, o Chefe aproximou-se e orientava o tratamento, tendo perguntado aos rapazes de que grau era aquela queimadura. Alguém disse que era do 1.º grau, mas outros disseram que era do 2.º e houve até quem dissesse que era do 3.º. (6)

À tarde, o acampamento foi visitado por um Antigo Escoteiro que se referiu à Conferência de Dirigentes e lembrou uma em que tinha tomado parte. (7)

Depois, os Escoteiros de todo o Grupo sentaram-se a uma sombra para ouvir o Chefe, que ia fazer uma palestra acerca dos «Deveres do Escoteiro para consigo próprio». Os Patatenras do Grupo estavam intrigados pois não compreendiam como é que uma pessoa podia ter deveres para consigo própria. Está bem que haja deveres para com os Pais, Professores, Chefes e outros. Agora deveres para connosco próprios não compreendiam lá muito bem. Por isso, a palestra era aguardada com muito interesse. (8).

O regresso à sede, ao declinar do dia, foi uma jornada de entusiasmo. A rapaziada vinha radiante com o belo dia passado ao ar livre. Todos vinham bem dispostos e, especialmente os estudantes, traziam o espírito mais animado para a vida escolar. Merecia a pena vir ao campo!

*(Conclui na página 7)*

**Este número foi visado pela Comissão de Censura**

## Soluções da Prova IV

1—**Orientação de Cartas Topográficas.** Aconselhamos a leitura do Manual «MAIS ALÉM», páginas 152 a 157. Orientar uma carta é colocá-la numa posição tal que o terreno que ela representa esteja na mesma posição do terreno em que se encontra. Por outras palavras, o Norte da carta está na posição do Norte do terreno. Portanto, é preciso conhecer o Norte da carta, que algumas vezes está indicado na mesma, e o Norte do terreno, que se obtém pelo uso da bússola ou pelos sistemas substitutos conhecidos dos Escoteiros.

2—PEGADA — O «Sempre Pronto» de Janeiro ensinou a obter moldes de pegada. É interessante afirmar que pela primeira vez os trabalhos executados foram na generalidade bons. Alguns muito bons mesmo.

3—O terreno não era bom para acampar. Era demasiadamente sombrio, porque a figueira não deixa penetrar os raios do Sol e o chão torna-se húmido, enche-se de miasmas e vermes. As poças de água do rio produzem mosquitos, que incomodam e podem ser perigosos para a saúde. Era demasiado abrigado por ser uma cova. Os terrenos devem ser arejados, embora abrigados das nortadas. A água do poço junto ao rio estava sujeita a inquinações e, portanto, era impotável. Eram pedidos todos os inconvenientes e algumas patrulhas limitaram-se a citar poucos.

4 —A orientação pelo relógio é tão fácil que nos dispensamos de a explicar.

5—Todos os Escoteiros são irmãos seja qual for a Associação, o País ou o Continente a que pertençam. Todos se estimam seja qual for a raça, a religião ou a opinião. Portanto, havia que aguardar a Patrulha do C.N.E. que se aproximava, saudá-la e fazer as apresentações, seguindo depois cada uma a sua actividade, se não quisessem passar o resto do dia em conjunto.

6—Os Escoteiros ofereceram a Baden-Powell um automóvel «Rolls-Roice» com reboque de campismo, mediante contribuições de apenas um dinheiro, por ocasião do Jambori da Maioridade, em 1929, que se realizou na Inglaterra, perto de Liverpul.

7—Em 1950 realizou-se em Portugal a Reunião de Comissários Internacionais conhecida por «Get-Together».

8—Pelos sintomas apresentados, o homem deveria estar com uma congestão. A primeira coisa era chamar o médico pelo meio mais urgente. Enquanto o médico não chegava, desapertava-se a roupa, colocava-se o doente deitado com a cabeça mais alta do que o corpo e refrescava-se a testa com água fria.

* * *

Chamamos a atenção de algumas Patrulhas para o facto de não terem enviado as assinaturas obrigatórias, o que não podemos dispensar. Lembramos que o Concurso acarreta grandes despesas ao «Sempre Pronto».

IMPRENSA

### O ATENEU

Em Março passado, iniciou a sua publicação «O ATENEU», órgão do prestimoso Ateneu Comercial de Lisboa, de que é Director o sr. Fernando da Silva Costa, e Editor o sr. Guilherme Casimiro Ribeiro. A manutenção de um mensário é uma velha aspiração do Ateneu, já tentada noutras ocasiões. Recebemos já dois números, que se apresentam com bom aspecto gráfico e excelente papel, inserindo colaboração variada e uma página desportiva. *Sempre Pronto* saúda «O Ateneu» e os dirigentes, fazendo votos de que a iniciativa vingue e se desenvolva por largos anos.

## SISTEMA HOMOGRÁFICO

*(Conclusão da página 4)*

dois pés. De 45 em 45 graus terás uma posição sucessiva da bandeirola.

Repara na gravura: A posição «A». A bandeirola da mão esquerda fixa-se na posição 0 graus (entre as pernas). A bandeirola da mão direita toma a posição 45°. Depois segue a 90°, temos a letra «B». Em 135° a letra «C», em 180° a letra «D». Agora trocas as mãos: Fica a mão direita na posição 0°. A mão esquerda segue a 225° e dá a letra «E» e assim sucessivamente até «G» com que termina o primeiro ciclo.

A posição de cada uma destas letras, de A a G é o início de um ciclo. A gravura dispensa explicações desde que a observes com atenção.

Na aprendizagem deve principiar-se por um ciclo de cada vez. Depois alternam-se as letras de cada ciclo. Quando já houver um pouco de treino, o instrutor ditará palavras em que entrem letras apenas de um ciclo. A pouco e pouco irá dando palavras de dois e mais ciclos. Quando tiver sido obtida alguma prática serão ditadas frases e começarão os exercícios de transmissão.

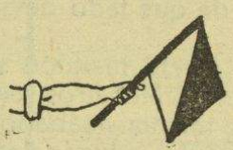
## REGRAS DE TRANSMISSÃO

Devem ser usadas bandeirolas de duas cores, que façam contraste, sendo de preferir o *vermelho e branco* ou o *vermelho e amarelo.*

A bandeirola empunha-se de forma que o cabo fique no prolongamento do braço, conforme se vê na gravura 2. A posição para começar a transmitir é a de PRONTO, conforme se vê na gravura 1. O Escoteiro deve separar os dois pés e ficar bem firme sobre eles.



Fig. 2
A bandeira empunha-se assim...



Ffg. 3
...e não assim

Os sinais devem ser feitos claramente nas posições correctas. Os braços devem agitar-se com energia para que as bandeirolas não se envolvam nos cabos. Passa-se duma letra à outra cadenciadamente e sem interrupção, suspendendo no fim de cada palavra com a posição de pronto, que significa neste caso FIM DE PALAVRA.

Só se volta a transmitir quando o posto de recepção fez o sinal da letra «E» ENTENDIDO. Se em vez deste sinal for feita a letra «R», significa que a palavra não foi entendida e o posto diz REPETE.

Para começar a transmissão agitam-se as duas bandeirolas por cima da cabeça até ser correspondido pelo posto receptor, que responderá com o mesmo sinal. Passa-se então e imediatamente à posição de PRONTO.

Ao findar a transmissão, agitam-se as bandeirolas para baixo do lado direito e do lado esquerdo do corpo ou seja o sinal de FIM DE TRANSMISSÃO.

Se houve erro na transmissão de uma palavra, sinalizam-se três vezes a letra E, sinal de ERRADO e repete-se a palavra. Quando houve erro numa mensagem e se deseja anulá-la faz-se o sinal de ANULAÇÃO. Mão direita em 135° e esquerda em 315° (vide gravura).

Ao iniciar-se uma mensagem, após o pedido de transmissão e posição de pronto, faz-se o sinal de LETRAS (igual ao J) ou de NÚMEROS (sinal anterior ao J como se vê na gravura). Usam-se estes sinais prévios quando se quer transmitir LETRAS ou NÚMEROS, porque as letras: A=1, B=2, C=3, D=4, E=5, F=6, G=7, H=8, I=9, K=0. Quer dizer estes sinais tanto podem significar letras como algarismos. Quando no meio de uma transmissão de letras se quer transmitir números, a seguir ao *fim de palavra* transmite-se o sinal de números.

O Escoteiro transmissor não tem que se preocupar com o significado da mensagem. Compete-lhe apenas executar as letras que lhe são ditadas pelo ESCRIBA. Este encontra-se logo atrás do transmissor e escondido com o seu corpo de maneira a não ser visto pelo posto receptor, o que prejudicaria a visão das bandeirolas.

O posto transmissor deve escolher uma posição que ofereça boa visão ao posto receptor. No cimo de uma elevação ou em frente de uma parede clara ou de vegetação escura.

## REGRAS DE RECEPÇÃO

O posto de recepção monta-se da mesma forma que o transmissor. O Escoteiro que se encontra de pé vai lendo cada uma das letras em voz alta e clara, bem como os sinais convencionais feitos. Este deve ter a única preocupação de entender e ditar cada um dos sinais isoladamente sem tentar ler as palavras.

O Escriba vai registando o que lhe é ditado pela recepção. Terminada a palavra, se a compreende, diz ENTENDIDO. E o sinaleiro executa o respectivo sinal. (Nunca dar este sinal sem o Escriba ordenar).

No fim da transmissão, depois do Escriba declarar: MENSAGEM ENTENDIDA, o sinaleiro faz também, por sua vez, o sinal de Fim de Transmissão.

Para treino de Transmissões convém colocar os postos a distância bastante para que não se oiça a repetição das letras nem sejam tentados a gritar de um para outro posto.

L. V.

## A nossa Língua

*O Escoteiro deve cultivar com amor a Língua pátria de maneira que possa usá-la com a perfeição possível escrevendo e falando sem erros. Sobretudo nós, Portugueses, temos fundamentadas razões para nos honrarmos da nossa língua, pela sua inegável beleza e suavidade, riqueza de vocabulário e ainda porque ela é o elo que une Portugueses e Brasileiros espalhados pelo Mundo numa cultura comum.*

*«Sempre Pronto», desejoso de auxiliar os Escoteiros no cultivo do idioma, cria esta secção na qual responderá a perguntas que sejam feitas à Redacção, Secção «A NOSSA LÍNGUA». Procuraremos dar todos os esclarecimentos que estiverem ao nosso alcance, de forma que os Escoteiros possam melhor falar e escrever Português.*

*Para começar, vamos dar alguns apontamentos acerca de palavras que algumas vezes encontramos mal escritas:*

**Fogo de Conselho** — Devemos fazer notar que neste caso *Conselho* se escreve com S e não com C. *Concelho* é divisão administrativa. Concelho de Lisboa, do Porto, de Faro. etc. *Conselho*, com S, significa parecer, opinião que se dá a outra pessoa. Também significa a reunião de pessoas com o fim de emitir opinião ou decidir sobre qualquer assunto. Por exemplo: *Conselho de Ministros, Conselho de Guias, Conselho Internacional do Escotismo.* No caso de *Fogo de Conselho*, escreve-se assim porque é a ocasião em que os Escoteiros se reúnem para ouvir o conselho, parecer, do seu chefe.

**Subguia, Subchefe, Subcampo**—Estas palavras não se escrevem com hífen. As palavras começadas por *sob* ou *sub* só se escrevem com hífen quando o segundo elemento, com vida autónoma, é iní-

*(Conclui na página 8)*

# GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

*(Conclusão da página 5)*

## QUESTIONÁRIO

| | | |
|---|---|---|
| 1 — | Estão de acordo com esta abertura do acampamento? Porquê? | *2 pontos* |
| 2 — | Qual é a opinião da Patrulha? | *1* » |
| 3 — | Estão de acordo com o café quente? Porquê? | *1* » |
| 4 — | Qual é a ordem pela qual os Escoteiros dessa Patrulha são arrumados na tenda? | *2* » |
| 5 — | Organize também essa Patrulha um herbário de flores silvestres. Façam um trabalho tão artístico quanto possível para que possa servir para uma exposição a realizar | *1 a 8* » |
| 6 — | Qual era o tratamento indicado para esta queimadura? E de que grau era ela? | *2* » |
| 7 — | Que é a Conferência de Dirigentes? De quantos em quantos anos ela se deve realizar segundo os Estatutos da A. E. P.? | *2* » |
| 8 — | Que teria o Escoteiro-Chefe dito acerca dos deveres do Escoteiro para consigo próprio? | *2* » |

Todos os quesitos, à excepção do 5, serão classificados sòmente se estiverem integralmente certos.

O herbário será classificado segundo o seu valor como conhecimento da natureza, trabalho artístico e variedade das espécies colhidas. Esperamos que as Patrulhas se esmerem neste trabalho, para que ele possa figurar numa exposição.

O herbário deve ser-nos remetido como *AMOSTRA SEM VALOR*, com o porte postal de $20 por cada 50 gramas.

O prazo para entrega das provas termina em 31 de Maio. São dados mais 3 dias aos retardatários, descontando 1 ponto por cada dia.

## Ciência e Paciência

### PROBLEMA DIFÍCIL N.º 5/60

No campo de jogos da sede, os Escoteiros estão formados em quadrado. O Chefe dirigindo o exercício decide confiar ao Subchefe uma parte do contingente. Num dos lados do quadrado, manda dar um passo em frente aos Escoteiros dum certo número de filas. Entre as duas fracções assim obtidas, a diferença de efectivo é de 7 Escoteiros. Quantos rapazes comportava o quadrado?

### Solução do Problema n.º 4/60

Resumindo: Falta uma unidade a este número para que seja exactamente divisível por 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3 e 2. Basta portanto procurar o mais pequeno múltiplo comum dos nove primeiros números e diminuir 1. Ou seja: $2 \times 2 \times 2 \times 3 \times 3 \times 5 \times 7 = 2520$. O número procurado é 2519.

* * *

Pelas respostas que nos chegaram, verificamos que o problema não foi posto com suficiente clareza. Pedimos desculpa e resolvemos que o problema n.º 4/60 não conte para o Concurso.

## «SEMPRE PRONTO»

Por proposta da Direcção, o Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal aprovou, na sua sessão de 26 de Março passado, um voto de saudação e agradecimento a «Sempre Pronto» pela colaboração dispensada no último biénio. Agradecemos sensibilizados a simpática referência, embora devamos afirmar que a cooperação dispensada à Fraternal foi a natural sequência de um processo de colaboração mútua em que temos também muito que agradecer.

* ● *

*É muito comum dizer-se que o País e o Mundo necessitam do Escotismo, mas é necessário recordar que é bom Escotismo que se requer: Escotismo mediocre não é significativamente melhor do que outras formas de mediocridade.*

*JOHN THURMAN*
*Chefe do Campo Escola de Gilwell Park*

* ● *

*A liberdade dos alunos deve portanto ser o «pivot» fundamental da pedagogia científica e permitir o desenvolvimento das manifestações espontâneas individuais da criança.*

*MARIA MONTESSORI*

• • o • •

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA - 2



O Antigo Escoteiro Sr. Luís Simões Aurélio fala aos escoteiros acerca do significado histórico do Castelo de S. Jorge.



O Escoteiro-Chefe Eng.º Nobre Santos coloca o Pequeno Escalpe de Ouro à Patrulha do Mês de Janeiro — a «Cão» do Grupo 94.



A «Águia» do Grupo 5, Patrulha do Mês de Fevereiro, recebe igualmente o Pequeno Escalpe de Ouro.

# Conversando com a Patrulha do Mês

**«Trabalhar para prestigiar o Grupo» é a ideia que impera na Patrulha «Águia» do Grupo 5, vencedora da Prova II do «Grande Concurso Escalpe de Ouro»**

Há já alguns anos que nós (não o nosso jornal) não entrávamos na Sede do Grupo 5. Precisamente, se a memória não falha, desde o dia em que foi ali inaugurado o busto de Baden-Powell, magnífico trabalho de escultura do antigo escoteiro daquele Grupo, sr. Manuel Celso Rodrigues.

Guardávamos por isso a lembrança de uma autêntica sede de escoteiros, inteiramente ornamentada por interessantes trabalhos manuais de verdadeira inspiração escotista, executados por uma magnífica equipa de caminheiros que era, naquele tempo, orgulho do «5», pois haviam guindado o seu grupo ao plano dos melhores da Região.

Os tempos passaram, mas o ambiente no «5» é o mesmo. Os objectos permanecem nos mesmos lugares revestidos de solenidade como se pudessem ter noção do que representam na história do Grupo e do Escotismo português; só as caras são outras, se exceptuarmos o dedicado chefe Mário Fernandes, que parece esquecer os anos para continuar a viver entre os seus rapazes, criando gerações sucessivas de «filhos adoptivos».

Foi ele que nos recebeu à porta da Sede, dando-nos a conhecer o seu entusiasmo pelo nosso concurso e a satisfação pela vitória alcançada pelos seus rapazes.

—Estou satisfeito com o interesse que os meus escoteiros põem no vosso Concurso, pois reconheço que ele lhes é bastante útil. A sua vitória na Prova II satisfez bastante os caminheiros e antigos escoteiros deste Grupo, que os felicitaram durante uma reunião que tivemos há dias. O antigo escoteiro sr. Jorge Paulo Tomás, como prémio, vai proporcionar-lhes no seu carro, uma magnífica excursão de 150 km.

Registámos com muito agrado o interesse existente no «5» pelo nosso Concurso e dirigimo-nos para o canto da patrulha «Águia» a fim de darmos início à entrevista do mês.

A patrulha «Águia» é um conjunto de óptimos rapazes, ainda novos, mas que sentem pelo Escotismo um grande entusiasmo.

Para que os nossos leitores os fiquem conhecendo, a seguir indicamos os seus nomes e o cargo que desempenham na patrulha. O Guia é o Raul Eduardo Brandão Rodrigues, o Subguia chama-se Armando Simões Pinto, no cargo de secretário está o José Manuel de Vasconcelos Rodrigues, ocupa o lugar de tesoureiro o Aires Albano Brandão Rodrigues, e o Mário de Jesus Ferreira Fernandes é o guarda de material.

A alegria estava estampada naqueles cinco rostos sorridentes e todos queriam responder ao mesmo tempo às nossas perguntas. Ora de um, ora de outro, fomos obtendo as respostas às nossas sucessivas perguntas.

—Satisfeitos com a vitória nesta segunda prova do concurso?

—Muito, porque podemos colocar-nos na frente da classificação, o que é bastante bom.

—Como acolheram a iniciativa do «Sempre Pronto» ao lançar o concurso?

—Com muito entusiasmo, mas com alguma preocupação pois a patrulha estava em reorganização e receávamos deixar mal colocado o prestígio do Grupo. Decidimo-nos, porém, e vamos lutar para conseguir boa posição.

—Como sabem, foi a apresentação de duas assinaturas suplementares que lhes proporcionou a vitória neste apuramento e simultâneamente o primeiro lugar na classificação geral. Acham que é difícil, aos escoteiros que se interessam, auxiliar a expansão do «S. P.» angariando novos assinantes?

—Por nosso lado, não achamos muito difícil, pois contamos com a colaboracão do nosso chefe e dos antigos escoteiros do Grupo, que, aos poucos, vamos transformando em assinantes do jornal. É até um trabalho interessante pois contribuímos para a expansão do jornal e do Movimento.

—Pensam manter a vossa posição actual até final do Concurso?

—Vamos trabalhar e fazer todo o possível para conseguir manter esta posição, para honrarmos as tradições do «5».

—Qual a matéria que mais gostam de ver tratada nos nossos questionários?

—Apreciamos principalmente as provas práticas, mas também gostmos das que nos obrigam a recorrer aos livros, aumentando assim os nossos conhecimentos.

—Quais os projectos da patrulha quanto ao futuro?

—A patrulha foi reorganizada há pouco tempo e há por isso muito trabalho a realizar. Vamos procurar desenvolver-nos em todos os sectores e principalmente procurar o progresso individual de cada um, para depois nos lançarmos em actividades que nos permitam transformar-nos numa boa patrulha de escoteiros.

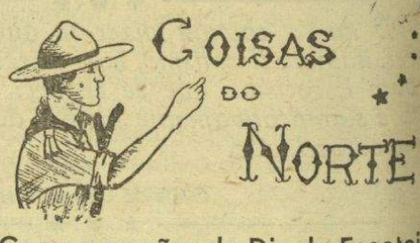
Estava terminada a nosssa conversa com a «patrulha do mês», mas não quisemos terminar sem colocar as páginas do nosso jornal à disposição daquele punhado de simpáticos rapazes. Foi o José Manuel encarregado de nos transmitir a ideia colectiva:

—Agradecemos ao «S.P.» a sua visita e a oportunidade que agora nos concede, que aproveitamos para saudar efusivamente todos os nossos irmãos escoteiros e antigos escoteiros, em especial os do Grupo n.º 5 e, se me permite, uma saudação particular aos escoteiros do Grupo n.º 13 que sempre nos acompanham na tradicional «Canção dos caracóis».

Sorrimos a esta saudação tipicamente escotista e despedimo-nos dos rapazes da patrulha «Águia», depois de nos termos demorado ainda algum tempo a apreciar interessantes fotografias e documentos da história do «5», que com enlevo nos iam sendo patenteados pelo chefe Mário Fernandes, satisfeito pela amizade com que ainda o distinguem alguns daqueles «antigos», hoje figuras de certo relevo na vida do País.

— Amizades que o Escotismo cria, jamais se desvanecem— comentou.

M. G.




## Comemorações do Dia do Escoteiro

Aproveitando a circunstância de se encontrar no Porto um grugo de escoteiros Britânico, de Essex, o Dia de S. Jorge foi comemorado em conjunto pelos Escoteiros de Portugal e pelos Escutas que, com os rapazes ingleses, realizaram um desfile através a Baixa até ao monumento ao Infante D. Henrique, onde depuseram um ramo de flores. À cerimónia assistiu numeroso público, tendo o Comandante Coutinho Lanhoso, delegado regional dos Escoteiros de Portugal, proferido uma vibrante alocução acerca da gloriosa obra do Infante e da epopeia dos Descobrimentos.

À tarde, os escoteiros portugueses e britânicos confraternizaram num passeio fluvial à Foz do Sousa.

## A nossa Língua

*(Conclusão da página 6)*

ciado por *b, f* ou *r*. Por exemplo: *sub-roda, sub-bibliotecário, sub-fiepático, sub-rogar*. Mas sem hífen: *subguia, subchefe, subcampo*.

**Cozer e Cozinha** — Escreve-se com *Z*. Quando se trata de *COSER* com agulha e linha é que se escreve com *S*.

**Flor de Lis** — É com *S* e não com *Z*, segundo o acordo ortográfico em vigor.

L. V.